



Comitê de Projetos
16.ª reunião
18 setembro 2018
Londres, Reino Unido

**Identificando desafios ao setor cafeeiro
em países selecionados da Ásia e Oceania**

Antecedentes

1. Nos termos do Artigo 34 do Acordo Internacional do Café de 2007 e do Programa de Atividades para o ano cafeeiro de 2017/18, a Organização Internacional do Café (OIC) deve disponibilizar aos Membros estudos e relatórios sobre aspectos relevantes do setor cafeeiro.
2. O Plano de Ação Quinquenal da Organização inclui entre as ações prioritárias de sua Meta I ("Disponibilizar dados, análises e informações de categoria mundial") o preparo e divulgação de estudos sobre questões emergentes no setor cafeeiro global, juntamente com aspectos socioeconômicos da produção de café e o impacto de políticas agrícolas.
3. A Organização, assim, procura conscientizar acerca dos desafios que o setor cafeeiro enfrenta, compartilhar as informações pertinentes entre seus Membros e identificar desafios prioritários a serem confrontados através de ação política e de cooperação técnica.
4. Este documento contém um relatório preliminar sobre esses desafios em países selecionados da Ásia e Oceania. Baseia-se em dados da OIC, em pesquisas de gabinete e em respostas à comunicação do Diretor-Executivo solicitando aos Membros informações relevantes para o mapeamento dos desafios ao setor cafeeiro ([ED-2258/17](#)). Aportes foram recebidos dos seguintes países Membros: Filipinas, Índia, Indonésia, Nepal, Papua-Nova Guiné, Tailândia e Vietnã.
5. A Secretaria acolherá de bom grado quaisquer outras contribuições que os Membros tenham a fazer para o preparo, já previsto, de propostas de projetos relevantes para o confronto desses desafios. Notar que um relatório semelhante a este sobre a África

([ICC-114-5 Rev. 1](#)) foi preparado para a redação de uma nota conceitual a ser apresentada pelo Fundo Africano para o Café ao Grupo Banco Africano de Desenvolvimento, pleiteando recursos. Outro relatório semelhante, cobrindo países selecionados da América Central e o México, foi apresentado ao Comitê em abril de 2018 ([PJ-120/18](#)), e depois disso os Membros foram convidados a enviar à Secretaria informações adicionais e propostas de projetos relevantes para enfrentar os desafios ao setor.

Ação

Solicita-se ao Comitê de Projetos que aprecie este relatório.

**IDENTIFICANDO DESAFIOS AO SETOR CAFEIEIRO EM PAÍSES SELECIONADOS
DA ÁSIA E OCEANIA
RELATÓRIO PRELIMINAR – SETEMBRO DE 2018**

INTRODUÇÃO

1. De uma pequena produção anual média de 6,2 milhões de sacas até fins dos anos 70, correspondente a 8,5% do total mundial, a Ásia e Oceania agora são a segunda maior região produtora de café do mundo, produzindo mais de 40 milhões de sacas por ano, ou 29,5% da produção global¹. O Vietnã se tornou o epicentro da produção de Robusta, mas tanto Robusta quanto Arábica são produzidos na região. Outra peculiaridade regional é que um país, as Filipinas, produz as quatro variedades comerciais de café (Arábica, Robusta, Excelsa e Libérica). A região também é renomada pelo aumento de consumo interno em seus países, que, de 3,3 milhões de sacas em 1990/91 passou a 14 milhões 2016/17, crescendo a uma taxa anual de 5,5%. Apesar das tendências muito positivas da produção e do consumo, o setor cafeeiro da região vencer numerosos desafios para que sua sustentabilidade se mantenha. O propósito do presente documento é identificar tanto esses desafios quanto ações potenciais para enfrentá-los.

2. Este relatório só oferece informações preliminares relativas a uma seleção de países na Ásia e Oceania² e será atualizado quando mais informações relevantes se tornarem disponíveis. Os seguintes pontos serão cobertos:

- (i) Contribuição do café à economia
- (ii) Desafios enfrentados pelo setor cafeeiro
- (iii) Conclusão e caminho adiante

I. CONTRIBUIÇÃO DO CAFÉ À ECONOMIA

3. A contribuição do café à economia pode ser avaliada pelos volumes da produção, a geração de receita em divisas, seu impacto sobre o produto interno bruto, a receita distribuída aos produtores e outras partes interessadas, e a criação de emprego.

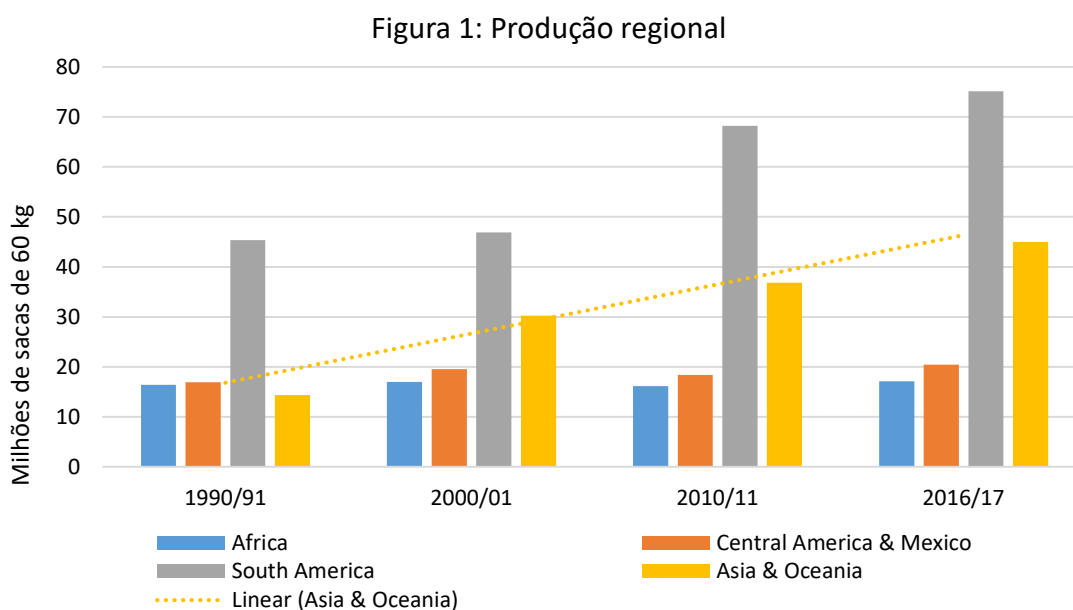
1.1 Tendências da produção na região

4. A região emergiu entre os maiores produtores mundiais e hoje ocupa o segundo lugar entre eles, depois da América do Sul. Ela produz tanto Robusta quanto Arábica, mas cultiva sobretudo Robusta, que representa mais de 80% do total da produção regional. Foi na Ásia & Oceania que se registrou o maior crescimento produtivo dos últimos cinquenta anos, em particular desde o ano-safra de 1990/91, que marcou a emergência do setor cafeeiro

¹ A região produtora de café da Ásia & Oceania compreende 11 países: Filipinas, Iêmen, Índia, Indonésia, Nepal, Papua-Nova Guiné, República Democrática Popular do Laos, Sri Lanka, Tailândia, Timor-Leste e Vietnã.

² Os seguintes países foram considerados na elaboração deste relatório: Filipinas, Iêmen, Índia, Indonésia, Nepal, Papua-Nova Guiné, República Democrática Popular do Laos, Sri Lanka, Tailândia, Timor-Leste e Vietnã.

vietnamita. A produção regional subiu de 14,4 milhões de sacas no ano-safra de 1990/91 para 45 milhões em 2016/17, acusando um crescimento de 4,5% por ano, ante 1,6% de crescimento na América do Sul, 0,9% na América Central e México e 0,3% na África. Mais especificamente, a participação da região na produção mundial foi de 28,2% no ano-safra de 2016/17, em comparação com 15,4% em 1990/91. A figura 1 abaixo mostra a dinâmica da produção da região em comparação com outras regiões.



5. Nos principais países produtores da região a taxa de crescimento é positiva desde 1990/91 (figura 2). O Vietnã registra a maior taxa de crescimento anual, de 11,6%, em comparação com 2,3% da Índia e 1,6% da Indonésia. De 1,3 milhão de sacas no ano-safra de 1990/91 (1,4% da produção mundial), o Vietnã veio a produzir 25,5 milhões de sacas em 2016/17, equivalente a 16% da produção mundial. Outros países com volumes de produção relativamente altos são Papua-Nova Guiné e a Tailândia (figura 3). Os outros são produtores marginais, embora o café represente uma importante fonte de receita para muitos de seus stakeholders. Na República Democrática Popular do Laos, Nepal, Timor-Leste e Iêmen, contudo, a produção recentemente aumentou. Nas Filipinas a situação é bastante diferente, pois a produção diminuiu substancialmente, enquanto a importação de café aumentava para satisfazer um consumo interno em crescimento. Convém notar que as Filipinas são o único país da região onde as quatro variedades comerciais de café são produzidas, a saber, Robusta (69% da produção total), Arábica (24%), Excelsa (6%) e Libérica (1%), dando ao país a oportunidade de se beneficiar dos mercados especiais de nicho.

Figura 2: Tendências da produção em países selecionados da Ásia e Oceania

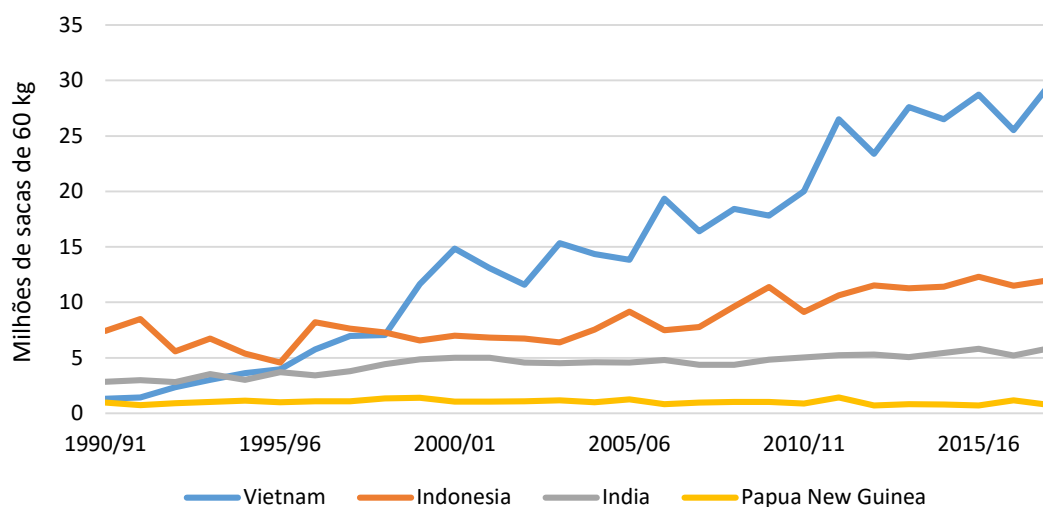
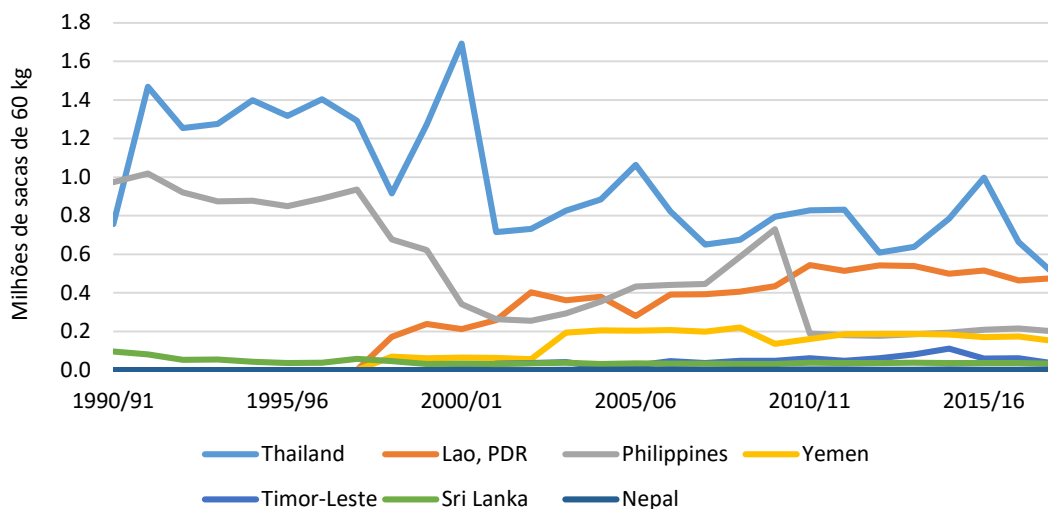


Figura 3: Tendências da produção em países selecionados da Ásia e Oceania



Note: Dados relativos a Timor-Leste, Nepal e Iêmen só são coletados desde o início dos anos 2000

I.1 Contribuição às receitas de exportação

6. Os países exportadores da região em média embarcaram 35,6 milhões de sacas por ano desde 2010, um aumento substancial, em comparação com 14 milhões nos anos 90. Em 2017 as exportações da região totalizaram 39,4 milhões de sacas, em comparação com 42,3 milhões em 2016, devido a uma queda da produção vietnamita. Como um todo, a Ásia e Oceania se tornou a segunda região exportadora mundial depois da América do Sul (figura 4: Volume médio das exportações de café por região). A participação média das exportações da região no total mundial foi de 32,2% nos anos 2010, comparada com apenas 18,1% nos anos

90. Individualmente, três importantes países exportadores (Índia, Indonésia e Vietnã) mostram um desempenho forte. O quarto país exportador importante da região é Papua-Nova Guiné, que, contudo, acusa quedas de exportação em anos recentes (figura 5: Desempenho das exportações por volume). Os restantes sete países exportadores da região mostram volumes de exportação relativamente pequenos, com a ligeira exceção da República Democrática Popular do Laos e da Tailândia (figura 6).

Figura 4: Volume médio das exportações de café por região

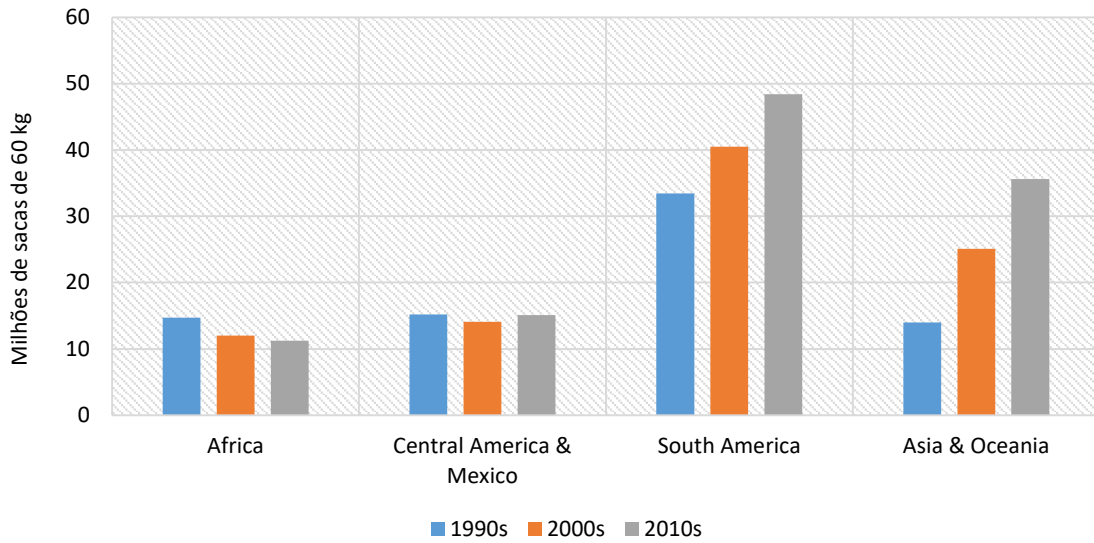


Figura 5: Desempenho das exportações por volume

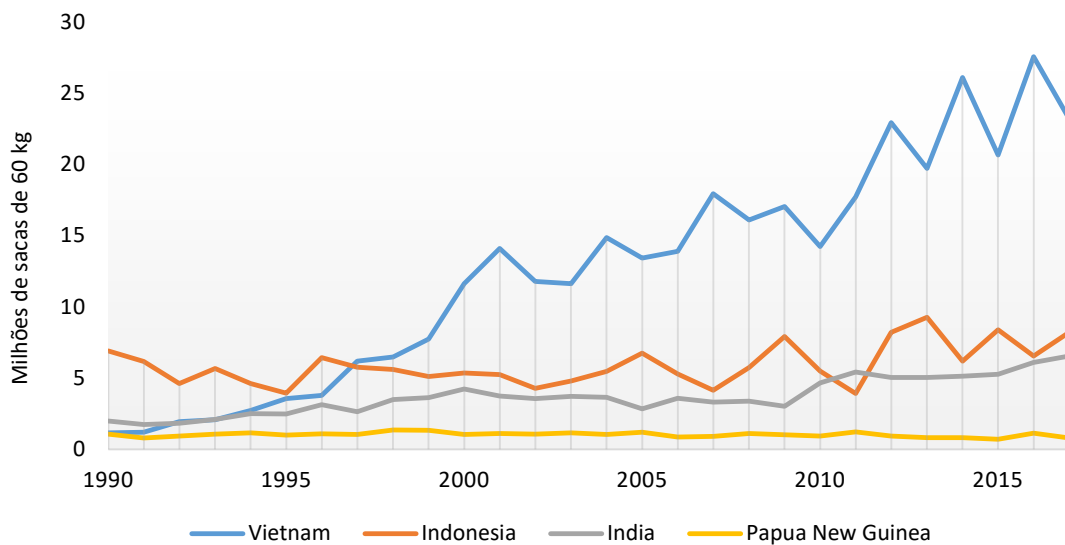
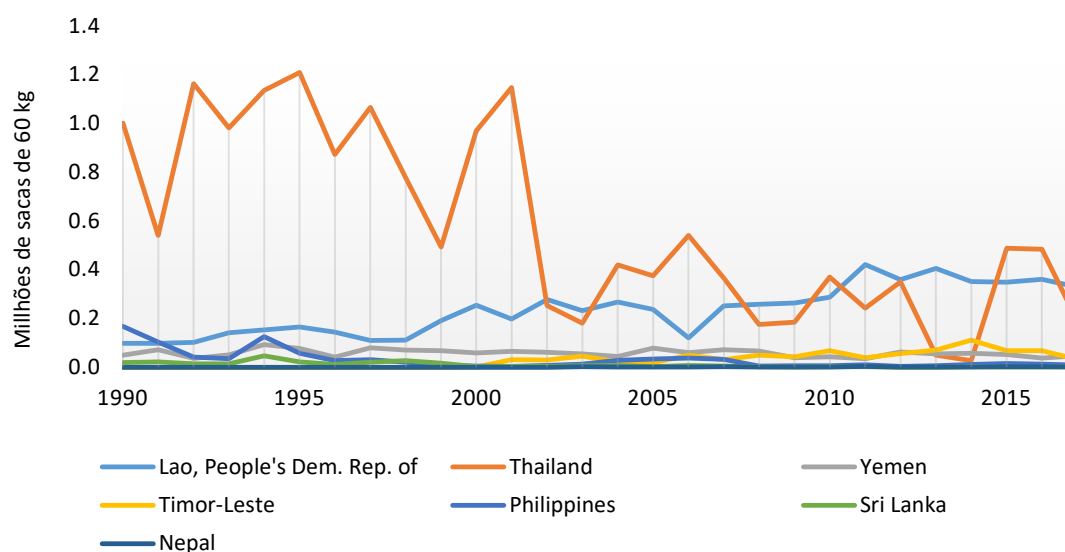


Figura 6: Desempenho das exportações por volume



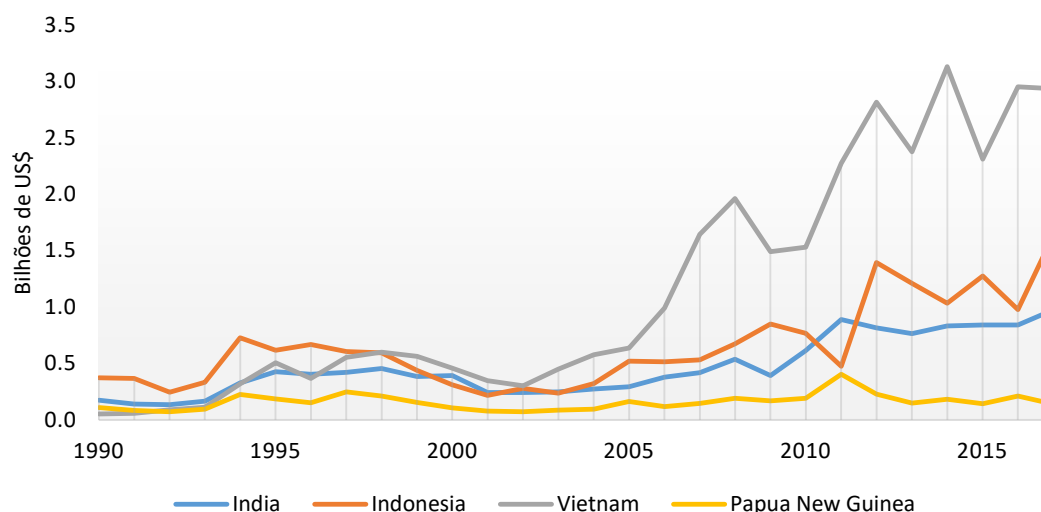
7. Na última década, as exportações de todas as formas de café da região geraram em média uma receita anual de mais de US\$4,8 bilhões (24% do valor do total exportado), em comparação com US\$9,8 bilhões na América do Sul (48,9%), US\$3,5 bilhões na América Central & México (17,3%) e US\$1,9 bilhão (9,7%) na África (quadro 1).

Quadro 1: Valor médio das exportações (Todas as formas de café)

Moeda: US\$ (milhares)	1990s	2000s	2010s	Participação mundial em 2010
Total mundial	9.029.656	9.306.030	19.945.590	
África	1.501.852	1.075.518	1.940.906	9,7%
América Central & México	1.990.599	1.790.409	3.459.999	17,3%
América do Sul	4.147.222	4.571.552	9.752.281	48,9%
Ásia & Oceania	1.389.981	1.868.548	4.792.402	24,0%
Índia	303.665	342.051	822.002	4,1%
Indonésia	496.689	445.672	1.096.184	5,5%
Laos, Rep. Dem. Pop. do	12.477	16.606	62.319	0,3%
Nepal	6	301	817	0,0%
Papua-Nova Guiné	153.039	122.302	206.124	1,0%
Filipinas	6.027	2.540	805	0,0%
Sri Lanka	2.135	503	379	0,0%
Tailândia	70.610	32.776	35.353	0,2%
Timor-Leste	0	4.633	12.733	0,1%
Vietnã	322.846	886.724	2.541.896	12,7%
Iêmen	22.483.15	14.435	13.785	0,1%

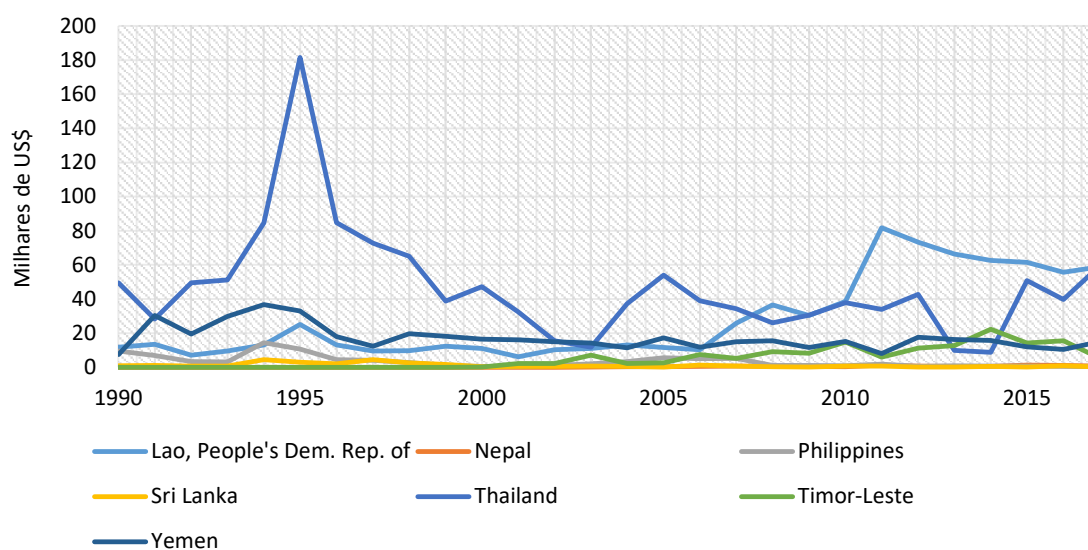
8. O desempenho individual dos países indica que o Vietnã, a Indonésia e a Índia obtiveram as receitas médias mais altas de exportação, de US\$2,5 bilhões, US\$1,1 bilhão e US\$822 milhões, respectivamente (quadro 1 e figura 7).

Figura 7: Receitas de exportação de países exportadores selecionados na Ásia & Oceania



9. Convém notar que o aumento das receitas de exportação começou com recuperação da grave crise dos preços baixos do café no início da década de 2000. A alta relativa dos preços a partir de 2011 afetou positivamente as receitas de exportação do Vietnã, Indonésia e Índia, enquanto as de Papua-Nova Guiné registravam uma tendência negativa, devido sobretudo a uma queda das exportações do país. O Vietnã obteve US\$3,1 bilhões por 26 milhões de sacas exportadas em 2014, mas essa receita desceu para US\$2,9 bilhões em 2017, devido a uma queda dos preços. As exportações da Indonésia geraram US\$1,6 bilhão em 2017, seu nível mais alto desde 1990. Entre os demais países produtores da região, a Tailândia e a República Democrática Popular do Laos obtiveram receitas de exportação positivas, mas a níveis insignificantes, devido à pequena produção de ambas (figura 8).

Figur 8: Valor das exportações de países selecionados na Ásia & Oceania

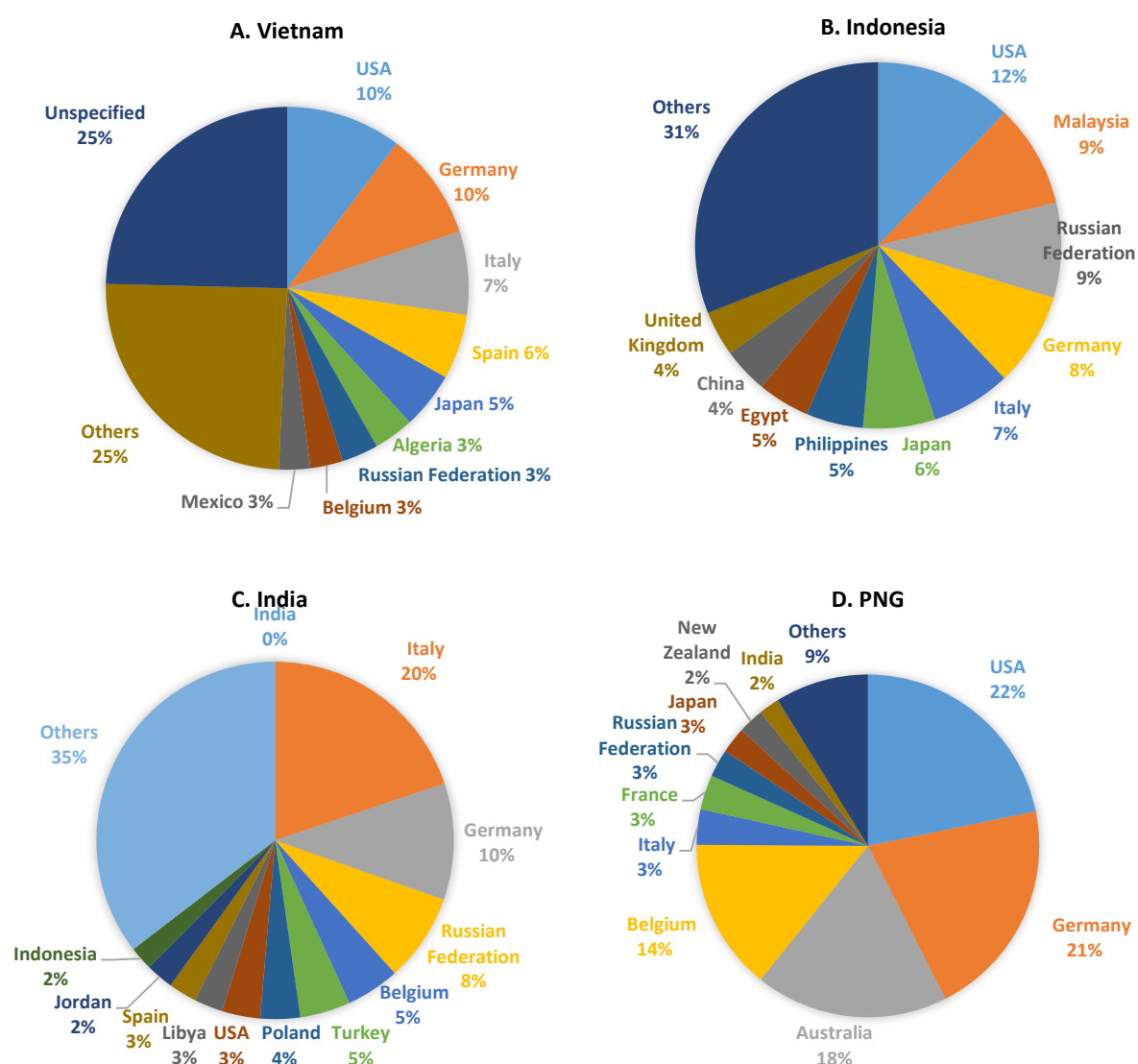


1.2 Destinos das exportações

10. Os maiores países produtores da região têm uma pauta diversificada de destinos de exportação, embora, no todo, a União Europeia seja o principal destino do café verde. De um total de 22 milhões de sacas de café verde exportadas pelo Vietnã em 2017, a União Europeia recebeu 7,6 milhões (34,6% de todo o café verde exportado), seguida por outros países exportadores (2,4 milhões, ou 11%) e pelos EUA (2,4 milhões, ou 11%). Outros países exportadores que também importaram café vietnamita estão o México (3% do total), a Índia (2,6%) e a Tailândia (2%). Em 2017 o Vietnã exportou 1,2 milhão de sacas de café solúvel, principalmente com destino a países importadores, entre os quais a União Europeia (19,3%) e a Federação Russa (8,4%). A Índia, outro país exportador, só recebe 2,3% do total das exportações de café solúvel vietnamita. Um volume substancial das exportações de solúvel do país (612.833 sacas, ou 50,4%) tem destinos inespecíficos. Os mercados de destino para as exportações de café verde da Indonésia, o segundo maior produtor regional, são muito diversificados. O principal deles em 2017 foi a União Europeia, que recebeu 2,1 milhões de sacas (25,5%), destinadas principalmente à Alemanha e à Itália. Os EUA (12,1%), a Malásia (7,7%) e a Federação Russa (7,2%) foram outros importantes destinos das exportações de café verde da Indonésia. Em 2017, a Índia exportou um total de 4,5 milhões de sacas de café verde. Embora ela tenha exportado volumes relativamente pequenos de café verde para diversos outros países do mundo todo nesse ano, os principais destinos de suas exportações foram a União Europeia (2,9 milhões de sacas, ou 65,5%) e, na União Europeia, a Itália (1,3 milhão de sacas) e a Alemanha (679.419 sacas) foram seus mercados mais importantes. A Líbia, a Jordânia e a Austrália vieram em seguida, recebendo 170.383 sacas, 163.814 sacas e 133.255 sacas, respectivamente. A Índia exportou quase 2 milhões de sacas de café solúvel em 2017. Os principais destinos foram a Federação Russa (340.047 sacas, ou 17,1%), a

Turquia (266.904 sacas, ou 13,4%) e os EUA (173.707 sacas, ou 8,7%). Outros países exportadores receberam 274.740 sacas (13,8%) e, entre eles, a Indonésia e o Vietnã foram os destinos mais importantes. Os principais destinos das exportações de café verde de Papua-Nova Guiné foram a União Europeia (347.412 sacas), os EUA (172.936 sacas) e a Austrália (144.656 sacas), que, em conjunto, receberam 83,8% do total das exportações de café verde do país. A figura 9 abaixo mostra os principais destinos de exportação de todas as formas de café por quatro importantes países exportadores em 2017.

Figura 9: Principais destinos das exportações de todas as formas de café de quatro importantes países exportadores em 2017



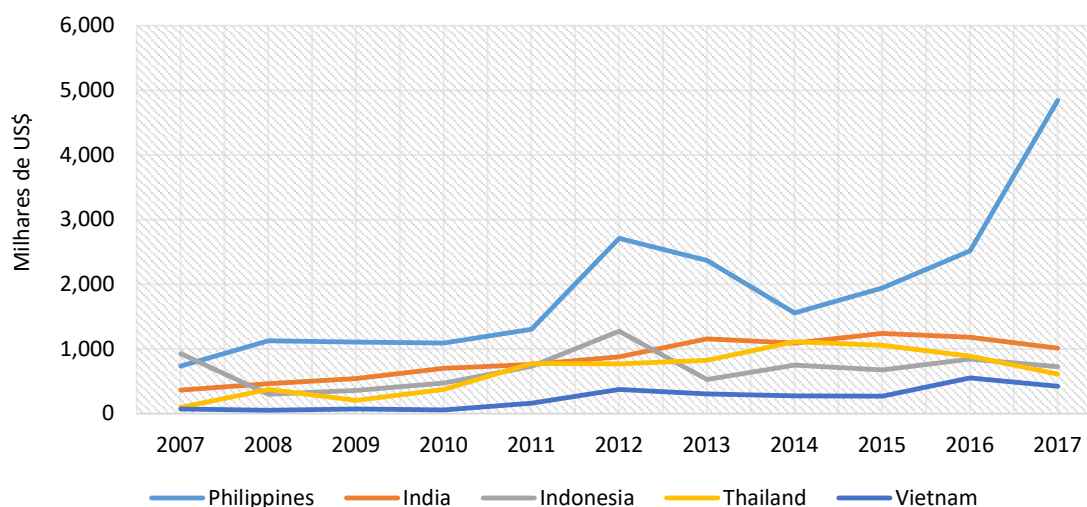
11. Os demais países produtores exportaram volumes relativamente pequenos, suas exportações concentrando-se em poucos destinos. Os principais destinos do café verde do Nepal foram o Japão (285 sacas, ou 30,8% do total), a União Europeia (223 sacas, ou 24,2%) e a Suíça (152 sacas, ou 16,4%). Quase todas as exportações das Filipinas foram de café

solúvel, em volume diminuto. Os principais destinos desse café foram países exportadores, para onde seguiram 91,7% (7.842 sacas) do total das exportações do país; e a maior parte do solúvel filipino se destinou a países da África (Nigéria, Côte d'Ivoire, Quênia, etc.). A Tailândia exportou principalmente para a União Europeia e as Filipinas. Timor-Leste exportou sobretudo café verde, e os principais destinos de suas exportações foram a União Europeia (41,4%), os EUA (27,4%) e o Canadá (13,7%).

1.3 Tendências das importações da região

12. Cinco países da região importam café, seja para fornecer aos processadores locais para criação de valor agregado, seja para satisfazer às necessidades do consumo interno (figura 10). As Filipinas registraram o maior volume de importações de café, importando uma média anual de 1,9 milhão de sacas desde 2007. A atual produção das Filipinas é demasiado pequena para satisfazer seu consumo interno. No ano-safra de 2016/17 ela produziu 215.000 sacas e importou 4,8 milhões de sacas.

Figura 10: Tendências das importações de café de países selecionados da Ásia e Oceania

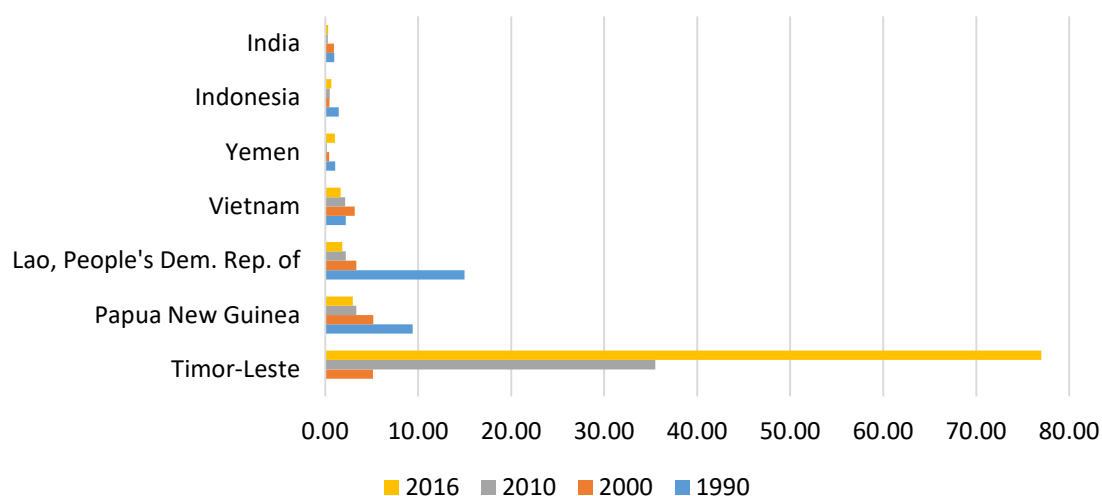


1.4 Contribuição à balança comercial e ao produto interno bruto

13. Embora a região gere mais de 24% do valor das exportações mundiais de café, o café faz uma contribuição relativamente pequena às economias nacionais. O único país que depende muito do café é Timor-Leste, que em 2016 obteve 77% de suas receitas da exportação de produtos básicos derivados do café. Em seguida, vêm Papua-Nova Guiné (3%) e a República Democrática Popular do Laos (1,9%). Em 2016 o Vietnã, o segundo maior exportador mundial, obteve do café 1,7% do total de suas receitas de exportação e 10,9% de produtos agriflorestais e aquáticos, ou 1,4% de seu PIB. Os principais produtos agrícolas do Vietnã incluem madeira e produtos madeireiros (US\$7 bilhões em 2016), pesca (US\$7

bilhões), café (US\$3,4 bilhões), castanhas de caju (US\$2,8 bilhões), frutas & verduras (US\$2,3 bilhões), arroz (US\$2,2 bilhões), borracha (US\$1,7 bilhão), pimenta (US\$1,4 bilhão) e chá (US\$223 milhões). Além disso, o Vietnã emergiu como importante exportador de produtos manufaturados, com produtos elétricos e eletrônicos ultrapassando o café, os produtos têxteis e o arroz. A figura 11 mostra a contribuição do café à geração de divisas e a figura 12, a contribuição do café ao PIB de países selecionados.

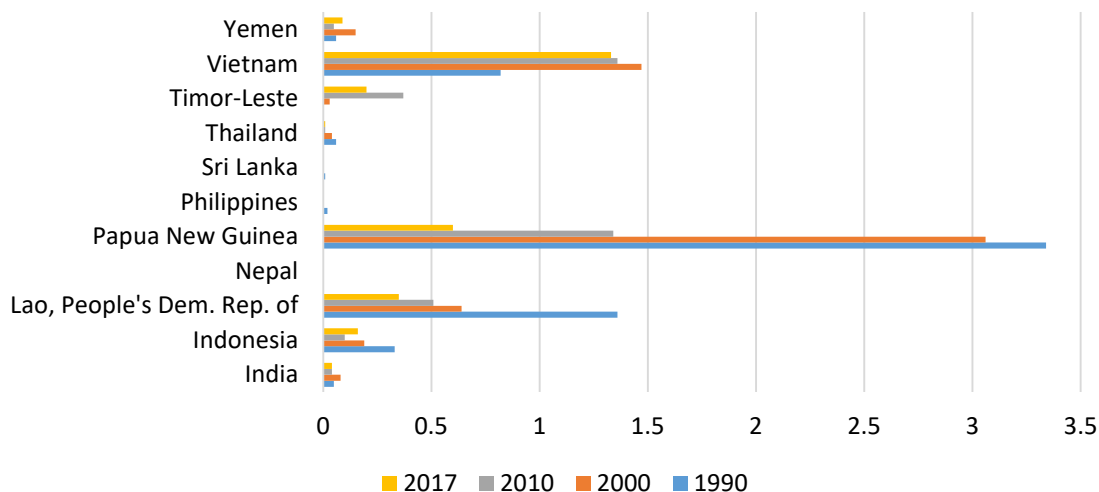
Figura 11: Participação percentual do café no valor total das exportações



14. Embora o café só faça uma contribuição relativamente pequena à balança comercial e ao produto interno bruto, sua produção continua importante como fonte de emprego e de renda para stakeholders em numerosas comunidades rurais na Índia, Indonésia e Vietnã. Na Índia ele não é um cultivo essencial, mas o sustento de aproximadamente cinco milhões de pessoas no Sul do país, que inclui Karnataka, Kerala e Tamil Nadu, depende do setor cafeeiro (cafeicultores, processadores, logística).

15. A importância do café para o desenvolvimento econômico e social dos países da região pode ser apreciada quando se observa o fluxo crescente do comércio de café dentro da região e com o resto do mundo. Os gráficos 1 e 2 do Anexo I mostram a natureza dinâmica desse comércio intrarregionalmente e mundialmente, com base em seu volume médio no período de 2012 a 2016. Nesse contexto, o setor cafeeiro faz uma contribuição expressiva à balança comercial e à criação de emprego em outros setores, de serviços inclusive (logística de transporte, setor bancário, seguros, etc.).

Figura 12: Participação percentual do café no PIB de países produtores selecionados da Ásia & Oceania



I.5 Contribuição às receitas e ao emprego na agricultura

16. O quadro 2 contém estimativas do número de cafeicultores por país e das áreas de cafeicultura. Estima-se que há 4,5 milhões de cafeicultores, representando 21% do total mundial de cafeicultores, mas apenas 2% da população total da região. O Anexo II mostra os preços pagos ao produtor desde o ano-safra de 1989/90. O café é a fonte primária de renda para milhões de pequenos cafeicultores da região e gera emprego para milhares de pessoas envolvidas na atividade. Levando em conta trabalhadores casuais e sazonais, a cifra pode ser maior. O emprego gerado pelo setor cafeeiro inclui cultivo/manutenção, colheita e processamento.

Quadro 2: Número de famílias de cafeicultores e áreas de cafeicultura

País	Número de cafeicultores	Trabalhadores	Estimativas da população total em 2017	População rural	População rural como % da população	% da população rural cultivando café	
Ásia & Oceania (11)	3.074.242	1.385.265	4.459.507	1.988.803.209	1.258.506.455	63,3%	0,35%
Índia	366.242	659.865	1.026.107	1.354.051.854	907.214.742	67%	0,11%
Indonésia	800.000	150.000	950.000	266.794.980	122.725.691	46%	0,77%
Laos, Rep. Dem. Pop. do	100.000	25.000	125.000	6.961.210	4.176.726	60%	2,99%
Nepal	32.000	12.000	44.000	29.624.035	23.995.468	81%	0,18%
Papua-Nova Guiné	400.000	150.000	550.000	8.418.346	7.323.961	87%	7,51%
Filipinas	276.000	60.000	336.000	106.512.074	59.646.761	56%	0,56%
Sri Lanka	160.000	60.000	220.000	20.639.000	16.923.980	82%	1,30%
Tailândia	130.000	15.000	145.000	69.183.173	33.207.923	48%	0,44%
Timor-Leste	8.000	1.000	9.000	1.212.107	812.112	67%	1,11%
Vietnã	800.000	252.000	1.052.000	96.491.146	63.684.156	66%	1,65%
Iêmen	2.000	400	2.400	28.915.284	18.794.935	65%	0,01%

Fonte: Estimativas da OIC, dados dos países, dados das Nações Unidas sobre população e vários relatórios e documentos de conferências

17. Como a população rural ainda é grande em muitos países da região, considera-se que o setor cafeeiro é uma das atividades agrícolas com expressivo potencial para gerar empregos e fazer uma contribuição importante para o alívio da pobreza, principalmente no Vietnã, onde mais de um milhão de pequenos agricultores dependem da cafeicultura para obter sustento. Nas áreas montanhosas, que incluem as terras altas do centro do país, muitos desses pequenos agricultores pertencem a minorias étnicas.

II. Desafios enfrentados pelo setor cafeeiro

18. O setor cafeeiro da Ásia e Oceania enfrenta uma série de desafios que comprometem sua sustentabilidade futura, compartilhando problemas com todas as regiões produtoras do mundo. Um cafeicultor sustentável pode alcançar objetivos ambientais e sociais de longo prazo e, ao mesmo tempo, competir eficazmente com outros participantes do mercado e obter preços que cobrem os custos de produção e geram uma margem de lucros aceitável. Nesse contexto, os principais desafios que confrontam o setor cafeeiro da região podem ser identificados em toda a cadeia de valor, da semente à xícara, particularmente os desafios à produção e as questões relacionadas com a agregação de valor. O desafio da cadeia de valor do café tem a ver com sua atual estrutura vertical, em que a produção do grão verde ocorre nos países exportadores e a torrefação e consumo, nos países importadores. Também se deve notar que as mulheres fazem contribuições importantes ao setor agrícola e que suas atividades nos setores cafeeiro e de alimentos são particularmente notáveis. Mas, como se dá em muitos países produtores do mundo inteiro, a contribuição das mulheres ainda não é suficientemente reconhecida nem equitativamente remunerada na região.

II.1 Desafios associados com a produção

19. Observações preliminares indicam que as limitações que o setor cafeeiro enfrenta na região são numerosas e diversificadas. Os custos de produção, devido sobretudo a pragas e doenças, reduzem a produtividade e, em consequência, a rentabilidade econômica da cafeicultura. Entre os desafios que comumente se notam em alguns países estão a capacidade reduzida dos pequenos produtores de se organizar; o potencial limitado para a pesquisa e desenvolvimento; a debilidade da adoção de novas tecnologias; e a limitação dos serviços de apoio prestados aos pequenos cafeicultores. As dimensões desses desafios variam de país para país. Além das numerosas limitações, a cafeicultura também precisa enfrentar a ameaça das mudanças climáticas. Abaixo, são examinados alguns dos desafios mais significativos à produção.

II.1.1 Produtividade das lavouras

20. Altos rendimentos dos cafezais são um fator importante para a consecução de sustentabilidade na produção. Exceto no Vietnã e na Índia, a produtividade média na região em geral é baixa, tendo inclusive diminuído em alguns países. Em média, os rendimentos variam entre 300 kg e 500 kg por hectare. Na Índia, o rendimento médio é de 850 a 950 kg por hectare no caso do Robusta, e de 700 kg a 900 kg por hectare no caso do Arábica. Rendimentos significativamente menores ocorrem no Iêmen, Nepal, Timor-Leste, República Democrática Popular do Laos, Tailândia, Sri Lanka, Filipinas e Papua-Nova Guiné. As propriedades de café na Indonésia e Vietnã são do mesmo tamanho, mas os rendimentos no Vietnã são mais de três vezes maiores que na Indonésia. A principal razão da baixa produtividade na Indonésia é a subfertilização do solo e a falta de cuidados regulares. A fertilização limitada do solo também se deve aos preços mais altos dos fertilizantes, enquanto os preços de porta de fazenda são relativamente baixos. Os cafeicultores das Filipinas, Nepal e Tailândia, entre muitos outros, também têm acesso bastante limitado a materiais vegetativos de alta qualidade e certificados. Embora o Vietnã registre altos rendimentos, suas zonas de café estão envelhecendo depressa, pois a maioria dos cafezais foi plantada de 20 a 25 anos atrás. O ciclo produtivo normal dos cafeeiros é de 20 a 25 anos, e eles produzem seus maiores rendimentos com idade de 8 a 16. Calcula-se que os rendimentos obtidos no Vietnã se reduzirão nos próximos anos, se o país não implementar um programa de replantio com eficiência e em tempo hábil.

21. Os países que mais usam fertilizantes na região são a Índia, o Vietnã e a Indonésia. Isso contribui para um aumento dos custos de produção e, em muitos países, o acesso dos agricultores a fertilizantes é limitado devido a seus custos elevados. Por outro lado, o uso excessivo de produtos químicos versus orgânicos na produção em alguns países poderá afetar negativamente a estrutura da produção no futuro.

II.1.2 Disponibilidade limitada de serviços de extensão aos pequenos agricultores

22. A transferência de tecnologia aos agricultores e a provisão de treinamento e outros serviços de assessoria agrícola costumam ser responsabilidade dos governos, através de organizações nacionais de serviços de extensão ou instituições de pesquisa. A Índia é o único país da região que oferece bons serviços de extensão aos agricultores. Na Indonésia, o apoio do governo ao setor cafeeiro é relativamente fraco em comparação com o apoio aos setores cacauero e do azeite de dendê, porque o governo não vê o café como prioridade estratégica, por só representar 1% das receitas de exportação do país. Em resultado, a adoção de boas práticas agrícolas pelos cafeicultores da Indonésia é pequena. Os países onde os agricultores têm algum acesso a boas práticas agrícolas incluem as Filipinas, o Iêmen, o Nepal, Papua-Nova

Guiné, a República Democrática Popular do Laos e Timor-Leste. A Tailândia, por sua vez, dá grande apoio ao cultivo de café, que substitui o de ópio como atividade agrícola rentável. Os cafeicultores do Vietnã se beneficiam de serviços de extensão apropriados, que são parte da política governamental de incentivo aos produtos agrícolas de exportação. A cafeicultura vietnamita, contudo, enfrenta limitações de ordem ambiental cada vez maiores, devido ao declínio da fertilidade do solo e à escassez de água. O país precisa adotar novas tecnologias para irrigar os cafezais durante períodos de seca.

23. Não obstante a falta de apoio dos governos ao setor, as tecnologias não sofrem limitações. No Vietnã, por exemplo, uma técnica *sui generis* para o cultivo de café é o plantio profundo, enquanto na Índia várias tecnologias avançadas são disponibilizadas aos agricultores. Aptidões essenciais a serem adquiridas por eles para melhorar seu manejo da ferrugem do café e outras doenças incluem os conhecimentos sobre o preparo de sprays químicos, sobre insumos para controle de doenças e sobre a época para aplicação de vários fungicidas ou pesticidas.

II.1.3 Envelhecimento dos agricultores e das lavouras

24. Como em muitos países produtores, a baixa remuneração tende a desincentivar os jovens a contemplar um futuro na cafeicultura. Os países que o atual envelhecimento dos cafeicultores mais afeta são a Indonésia, Papua-Nova Guiné e a República Democrática Popular do Laos. A Tailândia é o único país produtor em que há um número significativo de jovens cafeicultores, na faixa etária dos 20 aos 40 anos.

25. O envelhecimento dos cafeeiros representa outra ameaça à sustentabilidade da produção de café em diversos países. Cafezais envelhecidos prevalecem na Indonésia, Filipinas, Timor-Leste e Vietnã. No Vietnã a produtividade pode não perdurar no longo prazo, devido à idade dos cafeeiros, a menos que se implemente um vasto programa de replantio. Nas Filipinas a queda de produção se deve essencialmente a cafeeiros idosos e falta de rejuvenescimento. Em Timor-Leste cerca de um terço dos cafeeiros se tornaram improdutivos, definhando com a idade e a ausência de cuidados.

II.1.4 Desafios ambientais

26. Embora a produção de café faça uma contribuição positiva ao meio ambiente em comparação com a maioria das outras atividades econômicas, muitos desafios persistem e precisam de atenção. O café é um arbusto perene, portanto sua contribuição ao sequestro de carbono é importante; e ele é eficaz na estabilização dos solos. O café também permite a preservação de grande parte da biodiversidade original nas áreas de plantio. Desafios

surgem, tendo com a ver com a paisagem e o desmatamento, a degradação dos solos, a poluição hídrica e o manejo de detritos. O impacto negativo desses fatores sobre o meio ambiente depende dos sistemas de produção que se adotem. O cultivo na sombra favorece a conservação dos solos, da água, de variedades botânicas e de espécies animais, além de oferecer um moderador microclimático natural. A cafeicultura sem sombra contribui para o desmatamento em diversos países. O Vietnã e a Índia são os mais afetados pela degradação dos solos e a poluição hídrica causadas por fertilização intensiva. O café tende a exaurir o teor de nitrogênio, potássio e cálcio do solo, daí o uso de fertilizantes. Por outro lado, o uso excessivo de fertilizantes cria problemas em razão de sua transferência às fontes hídricas, que contribui para a poluição da água. O processamento por via úmida em muitos países também contribui para essa poluição. Na Índia, por exemplo, as águas residuais das despulpadoras poluem os cursos d'água naturais entre dezembro e fevereiro. O uso excessivo de pesticidas e herbicidas, igualmente, contribui para a poluição do ar e da água e afeta a saúde humana. Também de se notar é que 70% das áreas de cafeicultura no Vietnã são irrigadas com água do subsolo, e que em apenas 10% se utilizam e aplicam tecnologias para poupar água. A utilização de polpa, casca e película prateada do café como biomassa para outros usos produtivos pode transformar um desafio ambiental potencial em oportunidade para a realização de lucros.

II.1.5 Escassez de mão de obra

26. Embora a região tenha altos índices populacionais, com mais de 60% das pessoas vivendo nas zonas rurais, a disponibilidade de mão de obra agrícola é um problema sério em alguns países. Entre as limitações mais significativas ao desenvolvimento da produção de café na região estão o custo e a disponibilidade da mão de obra. A possibilidade de mecanização nos países produtores é limitada, devido à topografia, por um lado, e ao sistema de produção sombreada, por outro. Em alguns dos países examinados, a migração das zonas rurais para as urbanas exacerba a escassez de mão de obra. O impacto geral é um aumento dos custos de produção e a redução da rentabilidade da cafeicultura. A implementação de um dos projetos patrocinados pela OIC para lidar com a questão da ferrugem do café na Índia revelou que em torno de 93 dias/homem são necessários por acre para todas as operações nas grandes propriedades agrícolas. Isso representa por volta de 230 dias/homem para gerenciar com eficiência uma propriedade de café³.

I.1.6 Mudanças climáticas

27. A partir de dados e projeções disponíveis, numerosos cientistas acreditam que as mudanças climáticas já afetam a cafeicultura em muitas regiões. Prevê-se que as mudanças

³ *Análise socioeconômica do aumento da resiliência da produção de café à ferrugem e outras doenças, 2013.*

continuarão a prejudicá-la nos próximos anos. Como em muitos países produtores de café, na Ásia e Oceania os cafeicultores também precisam estar preparados para enfrentar os desafios trazidos pelas mudanças climáticas – especialmente os pequenos cafeicultores, que são vulneráveis a mudanças nos padrões meteorológicos. As mudanças nos padrões anuais de precipitação ou as mudanças erráticas de temperatura têm um impacto negativo sobre a cafeicultura, através, inclusive, da proliferação de pragas e doenças e das quedas subsequentes de produtividade. Na Indonésia, prevê-se que a exposição contínua a altas temperaturas afetará o crescimento das plantas, ao mesmo tempo que reduzindo ainda mais sua produtividade. Na Índia, embora o setor cafeeiro tenha desenvolvido algumas medidas de adaptação às mudanças climáticas, tais como o controle de temperaturas em um sistema de cultivo sombreado, será preciso cuidar da melhoria da infraestrutura de irrigação, necessária em períodos secos, já que o Robusta é particularmente sensível aos níveis de precipitação. Um grande desafio, porém, é a difusão mais ampla de estratégias de adaptação às mudanças climáticas, pois o processo envolveria os pequenos cafeicultores, que na Índia respondem por 98% das propriedades de café.

II.1.7 Pragas e doenças

28. O manejo de pragas e doenças continua sendo um sério desafio à cafeicultura em muitos países da região, afetando os pequenos cafeicultores, que dispõem de poucos recursos para aplicar medidas de controle adequadas. A "coffee berry disease" (CBD), a broca do café (BC) e a ferrugem do café (FC) são os fatores mais sérios que incidem sobre a produção, em especial na Índia, Indonésia e Papua-Nova Guiné. Quedas de rendimento atribuídas à FC são estimadas em cerca de 1,5 milhão de sacas, representando 40% da produção dos pequenos cafeicultores da Índia. O impacto que se prevê das quedas de produção inclui um declínio da renda, dos empregos e das exportações. Ao mesmo tempo, tanto a prevenção quanto o manejo dessas doenças e pragas elevam os custos de produção e reduzem a rentabilidade econômica da cafeicultura. A OIC patrocinou diversos projetos para desenvolver medidas de controle desses problemas na Índia (CBD, BC e FC) e Papua-Nova Guiné (CBD) e, então, divulgar os resultados a outros países. O desafio continua sendo a mobilização dos recursos pertinentes, para a difusão de práticas de manejo integrado em escala mais ampla. No Nepal, o trabalho do Conselho de Pesquisa Agrícola (NARC) no controle de pragas e doenças ainda é limitado.

II.1.8 Competição de outros cultivos

29. Como a cafeicultura requer muito trabalho físico e os custos de mão de obra são altos, o café se sujeita a intensa competição com produtos agrícolas como, por exemplo, o cacau, o azeite de dendê, o arroz e o ópio. A rentabilidade econômica da cafeicultura é um dos mais

importantes desafios que o setor cafeeiro enfrenta. Em vista dos atuais níveis de preços, muitos cafeicultores tendem a substituir o café por outros cultivos ou a transformar suas terras agrícolas em loteamentos. Isso vem ocorrendo em particular nas Filipinas, apesar de os custos de produção no país serem relativamente baixos. O desafio também é sério na Tailândia, onde o governo tenta afastar os agricultores da produção de ópio. Nas Filipinas, a importação de café barato de países vizinhos limita a competitividade dos cafeicultores locais. O aumento do plantio de "khat", um produto de cultivo mais fácil e mais rentável que o café, precisa ser notado.

II.1.9 Acesso limitado a crédito

30. O acesso a financiamento é um desafio comum em muitos países produtores do mundo. Os bancos comerciais hesitam em emprestar à agricultura, em especial para atividades ligadas à produção. Exceto no Vietnã e na Índia, o acesso dos pequenos agricultores a financiamento continua a ser um desafio significativo. Devido à natureza imprevisível da produção agrícola, que depende de fatores exógenos, em muitos países a concessão de crédito por bancos comerciais é rara. Na Índia, muitos pequenos cafeicultores sofrem com débitos pesados e taxas de juros elevadas. Os programas de financiamento do café deveriam ser cuidadosamente individualizados, para otimizar soluções que se amoldem às condições específicas de cada país.

II.1.10 Empoderamento limitado das mulheres

31. O reconhecimento e a justa remuneração das mulheres na agricultura, em especial das que cuidam de cultivos alimentares e pecuniários, são uma questão séria em muitos países em desenvolvimento no mundo todo. Como em muitos países produtores de café, as mulheres na região da Ásia e Oceania têm menos acesso a recursos e serviços, incluindo terra, financiamento, capacitação, insumos agrícolas e equipamento. As mulheres fornecem quase 80% da força de trabalho na cafeicultura na Índia, Indonésia e Vietnã. De acordo com a Associação dos Agricultores Asiáticos para o Desenvolvimento Rural Sustentável (AFA)⁴, a maioria das agricultoras da região não dispõe de tecnologia básica em relação à agricultura. No Fórum da entidade não se mencionou especificamente o envolvimento das mulheres na produção de café, mas relatou-se que elas desempenham um papel crucial nas atividades agrícolas, incluindo a produção de alimentos, café, borracha e chá. Esse papel era menos reconhecido na Índia, Indonésia, Vietnã, Tailândia, Nepal, Filipinas e Laos. Em Papua-Nova

⁴ Um Fórum das Agricultoras da Região Ásia-Pacífico foi organizado em outubro de 2017 pela Associação dos Agricultores Asiáticos (AFA) e a Associação das Trabalhadoras Autônomas (SEWA). O tema do Fórum foi "Reconhecendo e fortalecendo as contribuições das agricultoras aos meios de sustento resilientes ao clima com base na agricultura".

Guiné, as mulheres envolvidas no cultivo de alimentos e café suscitavam preocupações semelhantes, centradas na desigualdade de gênero⁵. Nesses países, as mulheres têm direitos legais limitados em relação à terra e menos autoridade que seus maridos e irmãos homens no governo das famílias.

II.1.11 Capacidade limitada de pesquisa e desenvolvimento

32. A Índia e o Vietnã são os únicos países que possuem instituições de pesquisa sólidas, onde materiais vegetativos de alto rendimento e resistentes a doenças foram desenvolvidos com êxito. O Instituto Central de Pesquisa Cafeira (CCRI), na Índia, é uma das melhores instituições de pesquisa sobre café do mundo. O CCRI já desenvolveu uma nova variedade, conhecida como Chandragiri, que demonstrou forte resiliência a condições ambientais em mudança. O programa pertinente contou com apoio do projeto patrocinado pela OIC que se mencionou acima. A tecnologia desenvolvida pelo CCRI tem sido difundida aos cafeicultores, com o apoio robusto da Junta do Café da Índia e do governo. Em muitos outros países, entretanto, será preciso fortalecer sua difusão e adoção pelos pequenos cafeicultores. Os demais países também precisam apoiar as respectivas instituições, para poderem se afastar da cafeicultura tradicional, desenvolver novas variedades e fazer uso de técnicas modernas, em particular na melhoria das tecnologias de produção e pós-colheita. Mesmo na Indonésia, o segundo maior país produtor da região e o quarto do mundo, a pesquisa sobre café é limitada, principalmente em áreas como genômica, conservação da biodiversidade, desenvolvimento de novas variedades mais resistentes a doenças e flutuações meteorológicas.

II.2 Desafios associados com a cadeia de valor do café

33. O conceito de uma cadeia de valor se relaciona com todas as receitas geradas pelas atividades que se efetuam ao longo de toda a cadeia produtiva de um bem, da produção ao uso final. A primeira fase da cadeia de valor do café engloba o processo da germinação à produção dos grãos de café, incluindo a construção de estufas, o plantio, a germinação, a manutenção e a colheita das cerejas maduras (fase primária da cadeia de valor). A segunda fase compreende o processamento primário pós-colheita. Essa fase pode gerar considerável valor agregado durante o processamento das cerejas vermelhas por via úmida. A terceira fase consiste na comercialização e embalagem do produto. A quarta compreende todas as atividades envolvidas na torrefação e distribuição para consumo final. O desafio é que a realização da quarta fase da cadeia de valor, em que se cria maior agregação de valor ao café, ainda é bastante limitada nos países exportadores.

⁵ *Fundação das Mulheres no Desenvolvimento Agrícola (PNG-WiADF).*

II.2.1 Processamento pós-colheita e qualidade do café

34. Muitos países da região empregam sistemas antiquados na fase pós-colheita. A infraestrutura de processamento por via úmida (estações de lavagem) na Índia, Nepal, Indonésia e muitos outros países se tornou obsoleta. Muitos pequenos cafeicultores continuam a usar despulpadoras manuais. A qualidade do café depende em grande medida das atividades pré-colheita e pós-colheita. As operações pré-colheita envolvem variedades selecionadas, fatores climáticos e práticas agrônômicas. A escolha, despulpamento, fermentação, lavagem, secagem, armazenamento e processamento (descasque e classificação) são operações pós-colheita. Operações pós-colheita deficientes, afetando negativamente a qualidade do café, têm sido observadas em muitos países, entre os quais o Nepal, o Iêmen, as Filipinas, a Indonésia e o Vietnã. O desafio consiste em incentivar os cafeicultores a melhorar a qualidade para obter melhores retornos e acesso a mercados de nicho de alto valor. O fortalecimento da infraestrutura pós-colheita contribuirá para melhorar a qualidade do café, com impacto sobre a classificação e os preços.

II.2.2 Acesso dos pequenos agricultores ao mercado

35. Os pequenos agricultores que possuem menos de dois hectares dominam a produção de café em toda a região, e frequentemente sua capacidade de organização é bastante fraca. Na maioria dos casos, existe uma distância considerável entre eles e o mercado. Por exemplo, depois de colher as cereja de café, os pequenos cafeicultores as vendem a intermediários, que, por sua vez, as vendem a usinas de processamento por via úmida. Em consequência, muitos intermediários se envolvem na cadeia de valor, reduzindo a receita dos cafeicultores. A organização destes últimos em grupos e redes estruturados facilita o acesso ao mercado e reduz os custos de transação. Reduz também os custos dos insumos, através de compras em grupo a preços vantajosos, e melhora o acesso aos mercados. Geralmente essas organizações ainda não são encontradas na região. A organização dos cafeicultores tem sido identificada como uma das medidas prioritárias a tomar para promover um setor cafeeiro sustentável, em especial nas Filipinas, Índia, Indonésia e Nepal. O desenvolvimento de sistemas e plataformas de comercialização para construir uma relação mais direta com os compradores, além disso, encurtará a cadeia de valor do café e melhorará as receitas dos cafeicultores e a eficiência da cadeia produtiva.

II.2.3 Exportações de café processado e consumo interno

36. Como em muitos países, a realização na região da fase final da cadeia de valor é limitada. A maior parte do valor é gerada pelas exportações de café verde, embora o consumo interno esteja sendo desenvolvido em alguns países. As exportações de café

processado torrado ou solúvel continuam pequenas nos principais países exportadores. O quadro 3 indica a participação média nas exportações por forma de café. Durante a década de 2010, mais de 94% do total das exportações do Vietnã, Indonésia e Papua-Nova Guiné foram de café verde. No entanto, as exportações de café processado torrado ou solúvel também responderam por uma parcela significativa em alguns desses países. Na década de 2010, o café torrado representou 15% do total das exportações de Sri Lanka, e em seguida vêm o Nepal (3,4%), o Iêmen (3,1%) e as Filipinas (2%). A indústria de café solúvel parece se tornar mais forte na região. Em média, as exportações de solúvel da Tailândia e das Filipinas representam 93,5% e 93,2% do total das respectivas exportações de café. A Índia e Sri Lanka registraram 29,7% e 24% respectivamente.

Quadro 3: Participação média nas exportações por forma de café

	Café verde			Café torrado			Café solúvel		
	1990s	2000s	2010s	1990s	2000s	2010s	1990s	2000s	2010s
Índia	85,7%	80,1%	70,2%	0,1%	0,1%	0,1%	14,1%	19,8%	29,7%
Indonésia	98,4%	95,7%	94,2%	0,0%	0,0%	0,0%	1,6%	4,3%	5,8%
Laos, Rep. Dem. Pop. do	100,0%	99,6%	99,4%	0,0%	0,4%	0,2%	0,0%	0,0%	0,4%
Nepal	100,0%	81,2%	96,5%	0,0%	1,6%	3,4%	0,0%	17,2%	0,1%
Papua-Nova Guiné	99,9%	99,9%	100,0%	0,1%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Filipinas	79,4%	8,6%	4,8%	0,2%	0,3%	2,0%	20,4%	91,1%	93,2%
Sri Lanka	99,2%	71,3%	61,0%	0,1%	12,9%	15,0%	0,8%	15,8%	24,0%
Tailândia	99,5%	74,5%	5,4%	0,0%	0,2%	0,9%	0,5%	25,3%	93,5%
Timor-Leste		98,7%	99,2%		1,3%	0,8%		0,0%	0,0%
Vietnã	99,9%	99,8%	98,1%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,2%	1,8%
Iêmen	96,3%	78,0%	96,8%	3,7%	22,0%	3,1%	0,1%	0,0%	0,1%

37. A despeito de um fluxo vigoroso de comércio associado com o café em anos recentes, ainda não se observa uma integração vertical do setor na região, levando a mais atividades de processamento a nível nacional. A figura 12 mostra a estrutura das exportações durante o ano civil de 2017, confirmando o desenvolvimento da indústria de solúvel nas Filipinas e na Tailândia mencionado acima. No Vietnã, o segundo maior produtor mundial de café, a atividade de processamento é pequena.

Figura 12: Estrutura das exportações de café em 2017



38. O consumo interno gera agregação de valor em um país. Ele cresceu muito na região, passando de uma média de 3,6 milhões de sacas nos anos 90 a 12,1 milhões na década de 2010 (quadro 4). Os países com um consumo interno expressivo são as Filipinas, a Índia, o Vietnã e a Tailândia.

Quadro 4: Consumo interno (milhares de sacas de 60 kg)

País	1990s	2000s	2010s
Asia & Oceania	3.656	5.932	12.057
Índia	860	1.236	2.069
Indonésia	1.404	2.291	4.059
Laos, Rep. Dem. Pop. do	0	97	150
Nepal		0	0
Papua-Nova Guiné	2	2	2
Filipinas	787	1.015	2.533
Sri Lanka	32	30	34
Tailândia	305	508	1.117
Timor-Leste		0	0
Vietnã	265	671	1.963
Iêmen	0	82	130

39. Uma das características importantes do setor cafeeiro da Ásia e Oceania é o comércio intrarregional, demonstrada no volume crescente dessas importações. O maior país importador são as Filipinas (4,8 milhões de sacas em 2017), seguido pela Índia (1 milhão), a Indonésia (mais de 725.000 sacas) e a Tailândia (612.692 sacas). Em 2017 o impacto desse comércio sobre a balança comercial foi significativo nas Filipinas e na Indonésia, cujas importações alcançaram valores de mais de US\$279 milhões e US\$107,5 milhões, respectivamente. As Filipinas agora são um importador líquido de café, pois seu consumo interno vem aumentando e sua produção diminuiu muito. O volume total da produção do país em 2016/17 foi de 215.000 sacas, e suas importações totalizaram 4,8 milhões de sacas em 2017. O desafio das Filipinas, portanto, consiste em aumentar sua produção para equilibrar o consumo interno ou, ao menos, reduzir seus gastos com a importação de café⁶.

⁶ A *Philippine Coffee Board, Inc.* indica que cerca de US\$4 bilhões são gastos por ano com a importação de café para consumo interno.

III. CONCLUSÃO E CAMINHO ADIANTE

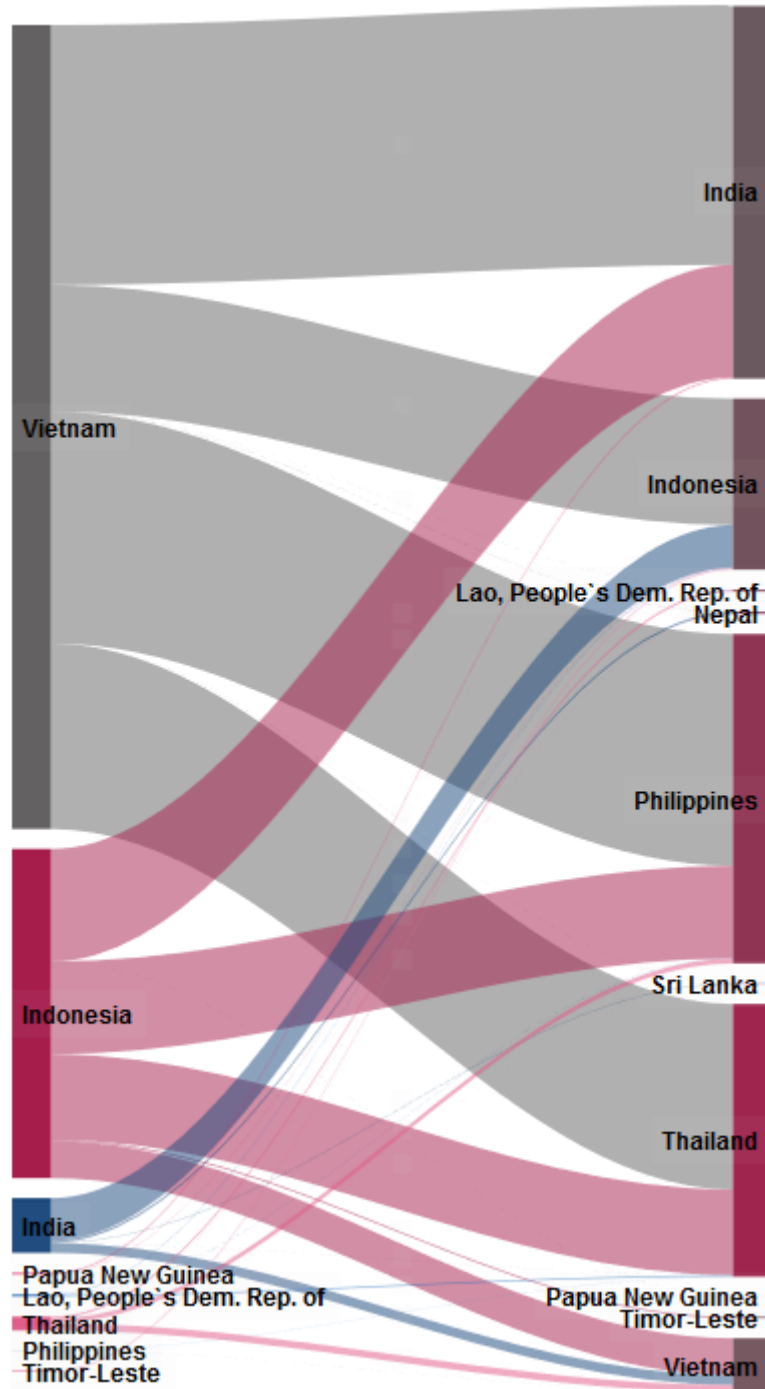
40. O principal objetivo dos países produtores de café é maximizar suas receitas de exportação, expandindo sua participação tanto no mercado de café verde quanto no de café com valor agregado, e promovendo os cafés diferenciados em mercados de nicho de alto valor (cafés especiais e gourmet). Uma avaliação preliminar do setor cafeeiro nos países selecionados da Ásia e Oceania indica que o desafio que eles compartilham é de como desenvolver um setor cafeeiro mais eficiente, confiável e ambientalmente seguro, além de rentável para todas as partes interessadas.

41. Embora o setor seja dominado por pequenos cafeicultores, as ações prioritárias para lidar com diversas questões deveriam levar em conta problemas específicos a cada país. Os principais desafios em muitos países são o baixo rendimento das lavouras, a escassez de mão de obra e a falta de acesso a capacitação e a tecnologias avançadas para melhorar as aptidões dos pequenos cafeicultores. Entre os grandes impactos das mudanças climáticas sobre a produção cafeeira estão a queda da qualidade do grão, o declínio da produtividade e o aumento da incidência de pragas e doenças. Medidas de adaptação às mudanças climáticas, como por exemplo a irrigação, podem elevar os custos da produção e reduzir sua rentabilidade, e o potencial para a mecanização agrícola é limitado, devido à topografia e aos sistemas de cultivo de café.

42. Além disso, diversas atividades de capacitação que beneficiem as mulheres fortaleceriam o setor cafeeiro da região e, ao mesmo tempo, reduziriam substancialmente a pobreza rural. Por exemplo, uma das estratégias para empoderar as mulheres consistiria em envolvê-las em agricultura sob contrato, dando-lhes oportunidades de se conectar diretamente com compradores ou se integrar nas cadeias de valor do café.

43. Finalmente, como o âmbito dos desafios e prioridades dos países não se assemelham, a cooperação técnica e a concepção de projetos deveriam concentrar-se em desafios e oportunidades específicos a cada país. Por exemplo, para reduzir as importações do café necessário para satisfazer um consumo interno que cresce, as Filipinas estão procurando aumentar sua produção. No Vietnã, seriam cruciais o emprego de tecnologias para economizar água destinada a irrigação e o desenvolvimento de uma cadeia de valor e uma marca registrada do café mais verde. Os cafeicultores da Índia estão sob o peso de enormes débitos; assim, uma estratégia inovadora para tratar de questões financeiras seria necessária, inclusive num momento em que o país está implementando um programa para desenvolver o café em áreas não convencionais como meio de reduzir a pobreza.

GRÁFICO 1
FLUXO DO COMÉRCIO DE CAFÉ ENTRE OS PAÍSES PRODUTORES DA REGIÃO (2012 – 2016)



PREÇOS AO PRODUTOR
Centavos de US\$ por lb em valor corrente

Ano-safra	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17	2017/18
Ásia & Oceania														
Índia	47,82	56,83	75,01	97,20	75,42	75,93	106,04	101,20	101,93	99,04	94,57	78,13	96,86	87,37
Indonésia	25,91	39,02	53,40	56,73										
Papua-Nova Guiné	22,91	24,70	34,49	26,09	33,73	27,73	30,41	39,97	34,05	22,33	23,29	24,67		
Filipinas	33,38	46,58	66,77	86,25	77,17	67,08	109,53	101,79	93,28					
Sri Lanka														
Tailândia	13,78	42,49	58,80	83,75	87,19	85,50	103,49	103,43	106,58	91,89	95,17			
Vietnã	31,13	52,20	67,76	90,35	67,18	63,39	96,37	88,48	87,84					
Produtores de Arábica														
Índia	93,08	91,05	105,15	123,19	126,67	146,88	217,15	180,15	126,15	154,07	171,60	130,03	139,69	124,38
Indonésia	96,28	112,35	108,85	118,88										
Papua- Nova Guiné	44,85	65,57	74,21	86,61	98,55	75,20	112,93	133,38	87,13	60,17	89,59	62,24		
Filipinas	71,09	69,33	73,24	93,61	90,68			255,61	268,41					
Sri Lanka														
Tailândia										123,76	120,06			
Vietnã								84,35	84,93					